



A PAISAGEM REVISITADA

O recurso ao gesto enquanto pincelada, ao grafismo, à dissolução das formas geométricas parece-nos ser uma situação comum a autores como António Sena, Jaime Silva, Pedro Chorão, Rocha Pinto e Valente Alves. Nestas obras a construção da pintura constitui a sua própria imagem. Exactamente como nas paisagens em que detectamos os estratos rochosos ou o modo como o tempo marcou a natureza, também aqui, há um tempo de fazer o quadro. Um percurso. Deste modo o sentido de um espaço que tem conotações com a paisagem é apenas um sinal de uma intencionalidade não completamente consciencializada.

Mas a paisagem nunca deixará de fascinar os criadores plásticos. De tal forma que actualmente ela adquire um valor como objecto de investigação.

A escultura de Luís Cruz, misto de gruta e de porta, remete-nos ao enquadramento da paisagem. O jogo do relevo e do rigor geométrico vem ao mesmo tempo acentuar o carácter racional e emotivo do espaço definido pela escultura.

O sentido mais telúrico da paisagem onde a terra aparece com as camadas expostas, fissuras e crostas é o sinal do trabalho de Câmara Pereira, recorrendo a materiais não tradicionais, como o poliuretano, a pintura torna-se uma simulação ficcionista da natureza, uma réplica, um fragmento.

Numa dimensão mais lírica podemos situar os objectos de Rui Oliveira e Fátima Vaz. A paisagem continua a fasciná-los. Ela permite a criação de mundos — na superfície recortada de papéis vários / colagem de estratos da paisagem como acontece com Rui Oliveira. Permite ainda a construção de uma espécie de cenário, miniatura de paisagem, mas sobretudo lugar para imaginações várias, memórias antigas como acontece com o «Lago» de Fátima Vaz.

Esta pequena exposição permite-nos, por conseguinte, tomar contacto com vários modos, várias intenções do fazer e do olhar. É este o seu significado essencial e o pretexto da sua realização.

Cristina Azevedo Tavares
Lisboa, 15 de Novembro de 1987